

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNDAÇÃO ASSIS GURGACZ
MARIELI ANDREA DA PAIXÃO**

UMA REFLEXÃO SOBRE O ADOECIMENTO DO PROFESSOR

**CASCADEL
2019**

CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNDAÇÃO ASSIS GURGACZ
MARIELI ANDREA DA PAIXÃO

UMA REFLEXÃO SOBRE O ADOECIMENTO DO PROFESSOR

Trabalho apresentado como requisito parcial de conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Pedagogia da Fundação Centro Universitário Assis Gurgacz.
Professora Orientadora: Marilena Lemes Salvati.

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNDAÇÃO ASSIS GURGACZ
MARIELI ANDREA DA PAIXÃO**

UMA REFLEXÃO SOBRE O ADOECIMENTO DO PROFESSOR

Trabalho apresentado no Curso de Pedagogia, da Fundação Centro Universitário Assis Gurgacz / Dom Bosco, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação do Professor (titulação e nome do professor).

BANCA EXAMINADORA

Marilena Lemes Salvati
Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz

Jean Carlos Coelho
Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz

Jussara Chagas de Lima
Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz

Cascavel/PR., ____ de _____ de 2019.

UMA REFLEXÃO SOBRE O ADOECIMENTO DO PROFESSOR

PAIXÃO, Marieli Andrea da¹
SALVATI, Marilena Lemes²

RESUMO

Este estudo tem como objetivo o de demonstrar uma reflexão sobre o profissional da educação, bem como a precarização do seu trabalho no decurso de sua experiência. Para isso, foi utilizada, metodologicamente, uma pesquisa bibliográfica amparada em autores como: Christophe Dejours, Leontiev, Saviani, Hypolito, Tumolo e Fontana, Esteve, Thiele, Ahlert, Cantarelli, Marilda Facci, Sônia da Cunha, Santos, Urt, Vital, Ricardo Anutes, Luci Praun. Com isso, é demonstrado como o trabalho na sociedade moderna liberal torna-se cada vez mais implacável em suas relações. O adoecimento do profissional docente é vagamente discutido, entretanto, deveríamos nos atentar a ele. A discussão acerca da saúde mental e física de nossos formadores teria de ser mais recorrente e naturalizada, pois são esses trabalhadores os responsáveis pela formação do cidadão. Consta que professores vêm tentando aprimorar o ensino, traçando metas para uma instrução mais acessível e eficaz; tudo isso é efetivado através reformulações sociais, educacionais e pedagógicas; contudo, sabe-se também que, as condições de trabalho interferem, e muito, no desempenho do docente. Principalmente nos dias atuais seu papel extrapolou a mediação do processo de conhecimento do aluno, fazendo com que, além de educador, o mesmo torne-se elo intercessor que garantirá a articulação entre a escola e a comunidade, participando efetivamente da gestão e do planejamento escolar; esses fatores exigem dedicação excepcional; tal dedicação que apossa-se do tempo livre desse trabalhador, fazendo com que não lhe reste muito para lazer e convívio com a família, por exemplo, acarretando o declínio de sua saúde. A partir dessa reflexão acerca do papel do professor, (por nos tornar seres críticos e pensantes etc.), conclui-se que o profissional docente, precisa de maior reconhecimento, principalmente no que diz respeito à dedicação extracurricular que, sequer é remunerada.

Palavras-chave: Precarização; Saúde e trabalho; Educação.

ABSTRACT

This study has na objective to demonstrate a reflection about the education professional, as well as the on his precarious work throughout his experience. For this it was used methodologically a bibliographic research supported by authors as: Christophe Dejours, Leontiev, Saviani, Hypolito, Tumolo e Fontana, Esteve, Thiele, Ahlert, Cantarelli, Marilda Facci, Sônia da Cunha, Santos, Urt, Vital, Ricardo Anutes, Luci Praun. Then this, it is demonstrated how work in modern liberal society

¹Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz FAG – marcipaixao05@gmail.com

²Professora Orientadora do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz - marilenasalvati@hotmail.com



**CENTRO
UNIVERSITÁRIO**



becomes increasingly relentless in their relationships, The teaching professional's illness is vaguely discussed, however, we should pay attention at it. The discussion about mental and physical health of our teachers should be more frequent and naturalized, because these are the workers who are responsible for the citizen formation. It is known that teachers have been trying to improve the teaching practice, outlining targets to a more accessible and effective instruction; all of this is effected through social and educational reformulations; nevertheless, it is also known that the working conditions interfere a lot on the teacher's performance. Nowadays, primarily, your role has extrapolated the student's learning process mediation, thus causing that, apart from being teacher, the educator becomes an interceding link between school and community, actively participating on the school's planning and management; all of these factors demands outstanding dedication; such demandings that "steals" apart these worker's spare time, resulting in less leisure time with it's family, for an exemple, provoking the health declining. From that critical reflection regarding on teacher's social role, (to instructing us to became critical and thinking beings etc.), concludes that the teaching professional needs more appreciation, principaly in terms of the extracurricular dedication, that's not even paid.

Keywords: Precariousness; Health and work; Education.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta, a partir da perspectiva histórica e psicopatológica, a sobrecarga do trabalho do professor e suas consequências.

Para que se entenda o adoecimento do profissional, é necessário resgatar fatos dentro da história, isso envolve diferentes aspectos, como culturais, biológicos, econômicos, sociais, tendo em vista não poderem ser fragmentados e estanques.

Levando-se isso em consideração, essa pesquisa se justifica e apresenta discussões sobre o adoecimento do trabalho desse profissional, motivos pelos quais muitos adoecem na atualidade. Acredita-se que a sociedade, conhecendo a história do adoecimento dos profissionais e tendo uma orientação adequada, vai entender que o seu percurso histórico é notório e que esse adoecimento não passou a existir na atualidade, mas já vem desde os primórdios, desde que existe a profissão, porém pouco divulgado. Muitos veem; mas ignoram, não dando a atenção necessária.

O professor, como mediador do conhecimento, deveria ter uma atenção voltada para sua saúde, pois se não fosse ele, hoje a Educação estaria deteriorada. Há falta de materiais, difícil deslocamento que faz para chegar até o local de trabalho e baixo salário. Deveria haver aperfeiçoamento desse profissional, para que assim a Educação fosse qualificada e não quantificada, apresentar de modo claro e objetivo os fatores que provocam a precarização do professor.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 TRABALHOS NA MODERNIDADE

Segundo Tales (2019), a Revolução Industrial foi um processo histórico iniciado na Inglaterra, no século XVIII, tornando-se recorrentemente associado à instalação do modo de produção capitalista, tal revolução constituiu o desenvolvimento de novas técnicas de produção de mercadorias e tecnologia e assim, desenvolveu uma nova forma de divisão social do trabalho.

Uma vez que, na Revolução Industrial as bases estavam em passagem das corporações de ofício da Idade Média para a produção em manufaturas, os artesãos possuíam, individualmente, suas ferramentas e matérias-primas, trabalhando na supervisão de um mestre-artesão. Passaram a deter a propriedade dos meios de produção, tornando os demais artesãos em trabalhadores assalariados.

Outro fator que contribuiu para a Revolução Industrial foi a produção rural doméstica, na qual comerciante levava sua matéria-prima para as famílias transformarem-nas em mercadorias, sendo que se pagava uma quantia de dinheiro por essa transformação¹. Com o passar do tempo, esse processo acabou sendo expandido, gerando um acúmulo de capital, fortalecendo a classe social dos burgueses. A classe dos trabalhadores que não controlava seu tempo de trabalho e recebia por esse mesmo tempo um salário.

Segundo Christophe (1980), já o século XIX, ficou conhecido como a luta pela sobrevivência, foi um período de desenvolvimento do capitalismo industrial caracterizado pelo seu crescimento e pela sua produção, a duração do trabalho atingia correntemente 12, 14 ou até mesmo 16 horas por dia, o emprego de crianças, na produção industrial, começava a partir do três anos, frequentemente, a partir dos sete anos.

Com salários muitos baixos e insuficientes para assegurar o estritamente necessário, períodos de desemprego põem imediatamente em perigo a sobrevivência da família, a falta de higiene, libertinagem, esgotamento físico, acidentes de trabalho, com a intensidade das exigências de trabalho e de vida, houve ameaça à própria mão de obra, as lutas operárias

¹ A idade média se organiza segundo o modelo de produção feudal. Nesse modelo as relações sociais caracterizam-se por rígida hierarquia entre os senhores, proprietários das terras, e os servos, aqueles que as cultivavam. A esses últimos cabia, em troca do trabalho, apenas a parte da produção necessária à subsistência familiar. Os servos deviam obediência aos senhores, mas, diferentemente dos escravos, possuíam direito à vida e proteção dos senhores em caso de guerra. À igreja, detentora do saber competia à manutenção dos princípios de obediência que regulavam essas relações.

nesse período histórico tinham dois objetivos: o direito à vida e à construção do instrumento necessário à sua conquista e a liberdade de organização.

Ainda segundo o autor, na primeira Guerra Mundial, 1968, o movimento operário acabou adquirindo bases sólidas, atingiu dimensão de uma força política que iria crescendo no tabuleiro de xadrez das relações de força. Poder-se-ia dizer que a organização dos trabalhadores traduziu-se nas conquistas primordiais do direito de viver. As condições de existência estavam longe de serem unificadas para o conjunto de classe operária, salvar o corpo dos acidentes, prevenir as doenças profissionais e as intoxicações por produtos industriais, assegurar aos trabalhadores cuidados e tratamentos convenientes, esse eixo é em torno do qual se desenvolvem as lutas pela saúde.

O Taylorismo², ainda vem sendo uma modalidade de organização no trabalho que continua ganhando terreno, especialmente no setor terciário, gerando exigências filosóficas até então desconhecidas. As exigências de tempo e ritmo de trabalho, as performances exigidas são novas, fazem com que o corpo apareça como principal ponto de impacto dos prejuízos do trabalho, esgotamento físico, ao separar o trabalho intelectual do trabalho manual, o sistema Taylor neutraliza a atividade mental dos operários.

Aproximadamente à década de 1970, com a crise do capital e do petróleo, o Toyotismo, paulatinamente, dissemina-se como nova engenharia da administração do capitalismo. Baseado na acumulação flexível, o *just in time*, vislumbra-se com vigor nas relações de trabalho, ou seja uma produção baseada na demanda e na produção de necessidades.

No final do século XX e neste século XXI, permanece o acirramento nas relações de trabalho e, sobretudo, patologias resultadas desse. Inúmeros estudos demonstram a considerável proeminência de transtornos e doenças mentais, resultados de uma sociedade pós-moderna assentada em novas tecnologias, bem como virtualidades que exigem novo comportamento no trabalho e atravessa a vida privada. O resultado das relações desses trabalhos ocasionou patologias na classe trabalhadora, no campo não comportamental, do mesmo modo que um inimigo ocupa um país, sendo elas: seus movimentos, gestos, ritmos, cadências e comportamentos produtivos.

² Informações fornecidas por Significados, O Taylorismo consiste em sistema de organização industrial desenvolvido por Frederick Taylor, economista e engenheiro mecânico estadunidense. O seu principal objetivo desta técnica é aperfeiçoar as tarefas desempenhadas nas empresas, através da organização e divisão de funções dos trabalhadores.

Notoriamente, a precarização do trabalho e dos sujeitos se evidenciam pelas péssimas condições de vida – a salientar por uma alimentação não nutritiva e de um acesso a alimentos empobrecidos, bem como a precarização sanitária, que desfavorece uma boa saúde, ao contrário, oportuniza contaminação e por vezes; epidemias.

2.2 REFLEXÕES DAS TRAJETÓRIAS DOS PROFESSORES

Por meio da categoria de trabalho, a história humana promove e sofre transformações. Partindo daí, toda ação humana pressupõe a consciência de uma finalidade, desempenhando a transformação concreta da realidade, sendo esta uma ação social.

Quando retomamos à história, é notório que as formas de obrigação do homem ao trabalho, ocorriam em épocas passadas, como anteriormente foi citada no texto, no modo de produção primitivo, escravismo, um exemplo é século XX, que o capitalismo tinha como modelo de organização do trabalho as ideias de Frederic Taylor.

Precarização e intensificação do trabalho passam a ordenar a forma de relação do homem com os campos de ação profissional. Ao analisar esse homem inserido no processo histórico, em que a atividade social assegura a sua humanidade, segundo Leontiev (1978), assinala que o indivíduo só pode constituir-se como homem nas e pelas mediações sociais, ou seja, é nas relações com outros homens que o indivíduo se apropria das aquisições históricas da humanidade. Segundo Saviani (2007), “Eles aprendiam a trabalhar trabalhando. Lidando com a natureza, relacionando-se uns com os outros, os homens educavam-se e educavam as novas gerações”.

Contudo o homem não nasce sabendo produzir-se como homem, o indivíduo necessita aprender a se produzir na sua própria existência, considera-se que “produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo” (SAVIANI, 2007, p. 86), trabalho e educação eram consideradas como atividades especificamente humanas, apenas o ser humano trabalha e educa pelo trabalho.

O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (SAVIANI, 2003, p. 13).

Ou seja, o professor tem que transmitir o conhecimento de maneira direta e intencionalmente para os alunos, tendo como objetivo do seu ensino a identificação de elementos que precisam ser descobertos pelos indivíduos para que seja transmitido o conhecimento do profissional, sendo feito de maneira adequada para que o mesmo consiga alcançar tais objetivos.

Com tudo isso, na educação começa a existir de maneira visível, a preocupação com método de trabalho na escola, como as relações capitalistas transitam nela, quais são as organizações de controle sobre trabalhadores do ensino, sua divisão de trabalho e o papel dos especialistas e suas relações de poder.

Segundo Hypólito (1991), no Brasil, a escola, na antiguidade, passou por uma série de modificações. Renovaram seu perfil em termos de estrutura e organização, Passou de um modelo tradicional, que era caracterizado pela autonomia do professor em relação ao ensino e à organização escolar e aos processos burocráticos praticamente inexistentes, para um modelo técnico-burocrático, que ficou caracterizada pela redução da autonomia do professor em relação ao seu ensino, à sua organização.

Sendo assim, o professor encontra-se em condições precárias de trabalho e de formação na escola, suas condições físico-materiais, seu nível de salário e de carreira acabam sendo degradantes. Esses salários e seus planos de carreira existentes não o estimulam a procurar qualquer tipo de aperfeiçoamento para sua melhoria profissional.

Segundo Hypólito (1991), acarreta assim um progresso das funções praticadas, relações de poder, estimulando a figura do especialista, racionalização administrativa, nível de funções, sendo modelo técnico-burocrático de organização escolar tido como moderno, a modalidade do trabalho escolar, argumentações sobre essa especificidade andam em duas direções, uma considera a escola como local de trabalho diferente, no qual as relações capitalistas não conseguem infiltrar-se plenamente.

A natureza do trabalho não muda o problema, devemos nos perguntar como esse trabalho está sendo efetuado, Saviani (1987) discute “a tendência de um ensino submetido às regras capitalistas é ou não generalizável” é possível especificar o trabalho na escola, dividindo as funções de quem pensa e de quem executa.

A pedagogia tecnicista acabou por contribuir para aumentar o caos no campo educativo gerando tal nível de descontinuidade, de heterogeneidade e de fragmentação, que praticamente inviabiliza o trabalho pedagógico. (Saviani, 1984:18-19).

A figura do professor era visível há alguns anos, sendo ele um profissional autônomo, dono de um saber, com controle sobre seu trabalho, possuindo um reconhecimento público que o tornava autoridade em muitas comunidades. Hoje, os professores em maior parte, são identificados apenas como assalariados, praticamente de sindicatos fortes, com pouca qualificação e pouco controle de seu trabalho.

Devemos levar em questão se o professor é integrante da classe trabalhadora, se está submetido a uma técnica de proletarização, não perfeitamente afigurado, se está em pleno desenvolvimento. Um trabalhador é aquele que deve vender sua força de trabalho, não possuir controle sobre os meios, objetivos e processo do seu trabalho, esperando sempre ordens de alguém no cargo superior.

As condições de trabalho acabam sendo impostas por situações extremamente precárias que assim distancia do bem-estar. Essa situação acaba conduzindo a busca contínua por suas conquistas salariais, planos de carreiras, garantia no emprego e qualificação para exercer a profissão escolhida.

Ainda segundo o autor, hoje a grande maioria do professorado é constituída por mulheres, a análise da classe é insuficiente para interpretar o trabalho de ensinar e não levar em conta a questão de gênero, por ser um aspecto cultural do patriarcado é muito forte em nossa sociedade, submissão implantou à mulher, foi utilizada como forma de submeter os educadores e as escolas aos interesses dominantes.

Professores considerados trabalhadores, sofrem com a precarização do trabalho, Tumolo e Fontana (2008) afirmam que esses profissionais, tais como outras categorias, vivenciam o processo de proletarização de suas condições de trabalho, configurado como rebaixamento salarial, desqualificação da atividade realizada, desvalorização social da profissão, perda de controle e seu processo de trabalho.

Os professores tiveram que adaptar seu perfil de trabalho, sua profissão tem atravessado um de seus piores momentos. O mestre era visto como uma figura profissional e essencial para a sociedade, com base em algumas suspeitas que desenvolvam a compreensão do adoecimento do professor, considera-se que esse problema é um reflexo, na emocionalidade do sujeito, da forma como a atual organização da base material incide sobre a ideia e sobre as condições de sua objetivação.

Por conta disso, entra em questão a saúde do professor, podendo ser considerada como escassa, tendo uma grande parcela de estudos de fatores humanos que focam especialmente o

desgaste e o estresse, o mal-estar e o seu adoecimento físico e mental, suas condições inadequadas de trabalho, o ritmo acelerado e os volumes agravados de trabalho exigidos no cumprimento de suas atividades.

2.3 DESDOBRAMENTO DE TRABALHO DO PROFESSOR É FATOR RELEVANTE DE *STRESS*?

A investigação histórica da relação entre saúde e trabalho demonstra que, a partir da segunda metade do século XX, as doenças eram associadas diretamente à materialidade do trabalho, como as atividades industriais, uma das maiores causas do adoecimento do professor é a dificuldade de aprendizagem de seus alunos, considerando uma relação pedagógica, o professor e aluno estão adoecendo.

O indivíduo se forma em um processo de construção e autoconstrução em relação às condições objetivas de existência, a formação humana, educação e saúde, formação do sistema conceitual e consciência, formação da consciência como requisito ao enfrentamento da desqualificação do trabalho docente.

Segundo Esteve (1995), em seu processo social e produtivo, os professores atendem a uma demanda, na qual muitos docentes insistem na profissão, então a fragilidade, a insegurança, o medo, a incerteza, a dor e o desconforto tomam conta dos profissionais. Somando ao excesso de trabalho, à indisciplina em sala de aula, ao baixo salário, à pressão do sistema educacional, à violência, à demanda de pais e alunos, aos bombardeios de informações, ao desgaste físico e à falta de reconhecimento de sua atividade - poderiam ser algumas causas do estresse - da ansiedade e da depressão que vêm atingindo professores.

Algumas situações inaceitáveis aumentam as tensões e angústias de professores em seu trabalho e em sua vida. Existem forças de produção que os impactam, a produção de conhecimento eles têm como desafio, a busca de alternativas para a equação que acaba se formando no encontro de suas necessidades e seus interesses, os professores lutam para manter ou ampliar a sua autonomia no processo de trabalho.

Encontram-se submetidos aos processos que atingem muitos dos assalariados, ou seja, pessoas que se veem obrigadas a vender sua força de trabalho por muitos menos do que aquilo que produzem. No campo educativo, não há como separar trabalho e afetividade, acreditamos que para o educador, o produto de seu trabalho é o outro, sendo ele o aluno, e seus meios.

Segundo Thiele e Ahlert (2012), em vez de estabelecer um equilíbrio saudável, as atividades profissionais envolvem uma grande demanda afetiva, sendo promotoras de desajustes, investem no objeto sua energia afetiva, ao invés de retornarem ao seu ponto de partida, acabam colocando frente aos fatores que mediarão a relação, por exemplo, seu salário e suas regras estabelecidas para execução das atividades.

Deixando claro que, a saúde do professor precisa ser analisada sob um conceito que valorize as condições que desempenha sua docência. O planejamento de seu trabalho, as etapas que devem ser seguidas no processo de ensino-aprendizagem, decididas por ele, inclusive o ritmo colocado no trabalho não escapa completamente do seu controle.

Cantarelli, Facci e Campos (2017) declara que o professor cada vez mais se vê diante de inúmeras situações que precisam ser adaptadas, sendo elas: demandas e pressões externas das famílias, do ambiente, do meio social e da escola, a sua longa jornada de trabalho, a falta de empatia no seu âmbito de trabalho, correções de provas, atividades a serem preparadas e os conteúdos a serem estudados para assim, haver repasse para seus alunos, intuito para que os alunos aprendam a matéria, estimulando o seu ensino, cumprimento de prazos, grupos de estudos, ampliação de projetos e reuniões, tais são os acúmulos do dia a dia.

A distância percorrida por ele, entre uma escola e outra, seu deslocamento para diversas escolas, para que assim possa completar a carga horária que lhe é exigida, impedindo seus momentos de descanso ao longo do dia, também o distúrbio de voz, competindo com o barulho da rua, ventiladores e conversas paralelas dos alunos, causado pelo exercício da profissão, ministrando aulas em salas superlotadas, inalação de pó de giz, movimentos repetitivos, braço erguido acima do ombro causando LER³, ainda perpassam pela dificuldade que apresenta essa profissão.

O trabalho do professor deixa pouco tempo para sua família, configurando uma ampla área da vida moderna, com a qual acaba misturando agentes estressores do trabalho e da sua vida cotidiana, alta competitividade exigida pelo sistema de ensino, necessidades de aprendizado, tendo que lidar com situações “normais” da sua vida em sociedade sendo elas: sua segurança social, manutenção da família e exigências culturais.

³Rames Mattar, Lesão por Esforço Repetitivo envolve mecanismos de agressão que incluem desde esforços de repetição até outros mecanismos relacionados a algumas atividades de trabalho como vibração e postura inadequada, ocasionando em nosso corpo uma série de problemas que poderiam ser evitados.

Cada vez mais há novos profissionais no mercado de trabalho, a competição só aumenta e, com a preparação do trabalho docente, embora tenha uma satisfação, as exigências do seu encargo só aumentam a cada ano, a violência, indisciplina, estão tirando muitos profissionais das salas de aulas, com problemas graves de saúde e por um tempo mais prolongado.

Ainda segundo as autoras, as agressões tanto físicas como verbais, acabam desestruturando emocionalmente muitos professores, que não estão preparados para lidar com diferenças. Muitos deles precisam manter, acompanhar os filhos, cuidar dos afazeres domésticos, exercendo assim uma dupla jornada. Ainda deve ser considerado que o número elevado de docentes que praticam várias atividades estão em um índice frustrante de isolamento, solidão, separação e depressão.

O trabalho do professor é mediado pelo afeto, precisa ter certo equilíbrio emocional, assim evitando e administrando a ansiedade, o estresse. Quando o professor vai para a sala de aula, acaba sendo uma batalha, pois acaba travando consigo mesmo uma luta diária com seu subconsciente, pelo fato de achar que não dará conta do assunto estipulado na sua matéria.

Os problemas, que acabam afastando os docentes, são indícios mais comuns, como movimentos repetitivos de apagar o quadro, escrever na lousa com o braço acima do ombro e ficar em pé por longo prazo indeterminado, causando problemas vasculares.

Segundo Santos, Urt e Vital (2015), a violência entendida como multidisciplinar, que alcança as escolas e afinidade estabelecidas, acaba levando o profissional e seus alunos a buscarem soluções para reduzir o problema, essa violência manifestada na escola se torna um fenômeno complexo, refletindo as violências já existentes nos meios sociais.

Conhecemos a escola como um espaço de processo educacional, a formação humana de acordo com Saviani (2003, p.13), essa educação seria o “ato de produzir, direta e intencionalmente, cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”, com a violência a escola acaba deixando de cumprir suas funções, atrapalhando os estudos de seus colegas e deixando os professores ou futuros professores com medo de assumir suas profissões.

Existem inúmeras formas de violência, a Escola como instituição de ensino, deveria focar não apenas no ensino da criança e do adolescente, mas também na segurança dos professores, pois estão ali para transmitir o conhecimento. As ofensas e a violência contra os mesmos, os impede de aplicar atividades, pois não se sabe como tal aluno reagirá.

Com o estresse que o professor acaba sofrendo, a sua sobrecarga de trabalho, tudo que acarreta seu adoecimento, acaba o levando para afastamento. Quando vai atrás do médico ou psicólogo para fazer um acompanhamento adequado, é necessário passar por uma readaptação. Não se confirma que esse profissional seja afastado de seu magistério, mas que ele passe por um processo e em seguida volte para atuar em sala.

Segundo Santos, Urt e Vital (2015), o afastamento do professor de sua função de magistério por motivo de adoecimento, seja qual for, traz o intuito de outra função profissional. Ou seja, o professor que sofre pelo seu afastamento por questões de saúde e torna da readaptação, parte para outras funções na escola onde atua, ou até mesmo é transferido de uma entidade para outra.

Sendo assim, o professor acaba necessitando ter uma flexibilidade ou flexibilização, que se constituiu no contexto atual em uma espécie de síntese ordenadora de vários fatores, que por assim mencionar, apoiam as alterações na sociabilidade do capitalismo. Segundo Antunes e Parun (2015), a flexibilização se expressa na diminuição drástica das fronteiras entre atividade laboral e espaço de vida privada, no desmonte da legislação trabalhista, nas diferentes formas de contratação da força de trabalho e em sua expressão negada.

Podendo tal ser percebida ainda no dia a dia, pois no final do dia há a sensação de que o tempo foi reduzido. Na jornada de trabalho, o professor se desdobra para executar sozinho o que foi planejado, além disso, é evidente por meio dos bancos de horas, que ajustam os avanços de demandas flexíveis do mercado.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada à importância do assunto, torna-se necessário falar da enfermidade do profissional, pois é notório que os adoecimentos já ocorriam no século XVII. Trabalhadores escondiam suas doenças e dores para não serem taxados de fracos por seus colegas e familiares, tinham baixos salários, períodos de desemprego, altas horas de carga horária, esgotamento físico e mental, além do emprego de crianças na produção industrial.

As condições quais eram submetidos, efetuou os profissionais executarem o movimento conhecido como a luta pela sobrevivência, onde lutavam a favor da vida e liberdade de organização, adquirindo assim suas conquistas primordiais do direito de viver.

Ao longo do decurso desse estudo, denotamos a precarização paulatina das condições de trabalho dos professores, o que em contrapartida, denota desestímulo e patologias, enfim, tipicamente das relações do trabalho.

Partindo daí a saúde do profissional em sala de aula, deveria ter ênfase satisfatória, deveríamos nos preocupar com a saúde mental e física daqueles que nos transmitem conhecimentos, pois são responsáveis pelo preparo dos cidadãos para sua vida em sociedade, buscando atingir metade de um ensino eficaz, transformações sociais e melhorias educacionais.

O professor docente merece ser visto como dono do saber, essencial para a sociedade tendo reconhecimento público, não sendo visto apenas como assalariado, deveríamos focar na saúde e problemas que acarretam seu adoecimento.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo; PRAUN, Luci. **A Sociedade dos Adoecimentos no Trabalho: The Society Of Illness At Work**. São Paulo, Volume, n. 123, p. 407-427, dez./pro5. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n123/0101-6628-sssoc-123-0407.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2019.

DEJOURS, Christophe; **A Loucura do Trabalho: Estudo de psicopatologia do trabalho**. 5. ed. Oboré São Paulo: Cortez, 1980. p. 1-158.

FACCI, M. G. D; URT, Sônia da Cunha. **Precarização do trabalho, adoecimento e sofrimento do Professor**: Relações entre sofrimento/adoecimento do professor e formação docente. 1. ed. Teresinha: Edufpi, 2017. p. 1-238.

LEONTIEV; **Formação do Indivíduo, Consciência e Alienação: O ser humano na psicologia de A. N. Caderno Cedes**. Vol. 24, n. 62, p.44-63. Campinas-SP,2003.

MUNDO EDUCAÇÃO. **Revolução Industrial E Início Do Capitalismo**. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/revolucao-industrial.htm>. Acesso em: 13 set. 2019.

SAVIANI, D.; DUARTE, N; A ontologia do ser social e a pedagogia histórico-crítica. In: (Orgs.). **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas-SP: Autores Associados, 2012

SIGNIFICADOS. **Significado de Taylorismo**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/toyotismo/>. Acesso em: 14 set. 2019.

SIGNIFICADOS. **Significado de Toyotismo**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/toyotismo/>. Acesso em: 14 set. 2019.

SILVA, T. T. D. *et al.* **Teoria e Educação**: Interpretando o Trabalho docente. 4. ed. Porto Alegre - RS: Pannonica Editora Ltda, 1991. p. 1-234.

SANTOS, L. M. D; URT, S. D. C; VITAL, S. C. C; **Precarização do trabalho, adoecimento e sofrimento do Professor**: Readaptação Docente: Qual O Sentido Atribuído Pelo Professor? 1. ed. Terezinha: Edufpi, 2017. p. 1-238.